

Director  
Fernando Checa Montúfar

Dirección Técnica  
César Herrera

Publicaciones  
Raúl Salvador R.

Editor  
Pablo Escandón M.  
pescandon@ciespal.net

Diseño y diagramación  
Diego S. Acevedo A.

Suscripciones  
Isaías Sánchez  
isanchez@ciespal.net

#### CONSEJO DE ADMINISTRACIÓN

Presidente  
Édgar Samaniego  
Universidad Central del Ecuador

Embajador Alejandro Suárez  
Delegado del Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio  
e Integración

Dolores Santistevan de Baca  
Delegada del Ministerio de Educación

Héctor Chávez V.  
Delegado de la Universidad Estatal de Guayaquil

Antonio Aranibar  
Representante de la Organización de Estados Americanos

Patricia Ashton D.  
Representante de la Comisión Nacional de UNESCO para los  
países andinos

Vicente Ordóñez  
Presidente de la Unión Nacional de Periodistas

Freddy Moreno M.  
Representante de la Asociación Ecuatoriana de Radiodifusión

Wilfrido García  
Representante de la Federación Nacional de Periodistas

Fernando Checa Montúfar  
Director general del CIESPAL

Chasqui es una publicación del CIESPAL

Miembro de la Red Iberoamericana  
de Revistas de Comunicación y Cultura  
<http://www.felafacs.org/rederevistas>

Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe en  
Ciencias Sociales y Humanidades  
<http://redalyc.uaemex.mx>

Impresión  
Editorial QUIPUS - CIESPAL

Todos los derechos reservados.  
Prohibida la reproducción total o parcial del contenido,  
sin autorización previa. Las colaboraciones y artículos  
firmados son responsabilidad exclusiva de sus autores  
y no expresan la opinión del CIESPAL.

Teléfonos: (593-2) 250-6148 252-4177  
Fax (593-2) 250-2487  
web: <http://www.ciespal.net/chasqui>

Apartado Postal 17-01-584  
Quito - Ecuador  
Registro M.I.T.S.PI.027  
ISSN 13901079

## personaje



## Michèle y Armand Mattelart

Alberto Eféndy Maldonado Gómez y  
la Torre

La historia de la comunicación del campo científico en  
Latinoamérica es un fenómeno de gran vitalidad y  
complejidad. Desde la década de los sesenta se ha  
venido desarrollando una tradición de investigación  
que ha permitido avanzar en el conocimiento de  
los procesos de comunicación en la región.  
Este artículo analiza el rol de Michèle y Armand  
Mattelart en este proceso.

Para los investigadores de la comunicación en  
Latinoamérica, Michèle y Armand Mattelart son  
figuras fundamentales. Su trabajo ha permitido  
avanzar en el conocimiento de los procesos  
de comunicación en la región.

La historia de la comunicación del campo científico en  
Latinoamérica es un fenómeno de gran vitalidad y  
complejidad. Desde la década de los sesenta se ha  
venido desarrollando una tradición de investigación  
que ha permitido avanzar en el conocimiento de  
los procesos de comunicación en la región.  
Este artículo analiza el rol de Michèle y Armand  
Mattelart en este proceso.

Alberto Eféndy Maldonado Gómez y  
la Torre



pensadores, investigadores,  
militantes y fundadores de  
la investigación y las  
teorías críticas en  
comunicación en  
América Latina

Michèle y Armand Mattelart  
pensadores, investigadores, militantes  
y fundadores de la investigación y las  
teorías críticas en comunicación en  
América Latina

Alberto Eféndy Maldonado Gómez de  
la Torre  
Pág. 4

A contribuição fundamental de  
Armand Mattelart para a consolidação  
da Economia Política da Comunicação

Valério Cruz Brittos  
Andres Kalikoske  
Pág. 8

Armand Mattelart, un sembrador de  
la crítica

Erick R. Torrico Villanueva  
Pág. 13

Para ler os Mattelart: colonialismo  
cultural e intelectual no Piauí

Gustavo Said  
Pág. 16

De la experiencia chilena a la teoría  
crítica de la comunicación

Christa Berger  
Pág. 19

Escritos sobre el orden de seguridad

Emiliano Maldonado Bravo Pág. 24

Pensar los medios: Visibilizar la  
racionalidad como acción de  
resistencia comunicativa

Noel Padilla Fernández  
Pág. 27

El futuro llegó hace rato

Daniela Monje  
Pág. 32

Por los caminos de Armand y Michèle  
Mattelart. Provocaciones y aportes  
para estudiar la comunicación

Pedro Russi Duarte  
Pág. 36

# Tabla de contenidos

## portada



## ensayos



Información y violencia, un tema de salud pública

Marco Lara Klahr  
Pág. 40



Presencia e importancia en la prensa uruguaya  
Cristina Quintas,  
Lorena García,  
Mariela Muñoz,  
Hernán Sorhuet  
Pág. 62



La radiodifusión en tiempos de cambio en Bolivia  
Lic. Cristina Corrales  
Pág. 81



Por qué soy "cronista rojo"

Henry Holguín  
Pág. 46



Itinerante revolucionario del cinematógrafo.  
Edgardo Pallero y su contribución al Nuevo Cine Latinoamericano  
Javier Campo  
Pág. 67



Reflexiones a propósito del libro Nota [N] Roja

Fernando Checa Montúfar  
Pág. 49



Reciclando Ando: una propuesta de participación ciudadana para promover la gestión de la comunicación en los habitantes del barrio Canta Claro (Montería – Colombia)  
Ana Lorena Malluk Marengo  
Pág. 72



Retos pendientes en el periodismo de nota roja

Francisc Barata  
Pág. 54



Comunidades de oralidad primaria en una sociedad letrada. El anclaje de la experiencia

Agustina Romero  
Pág. 76

Bibliografía	91
Ensayo fotográfico	94
Actividades del CIESPAL	95

PARA LEER AL PATO

DONALD

AR



# Para ler os Mattelart:

colonialismo cultural  
e intelectual no Piauí

**Gustavo Said**

Brasileño, doctor en Ciencias de la Comunicación y docente universitario.

**A**o iniciar esse artigo, devo confessar que as principais obras de Armand e Michèle Mattelart fizeram e ainda fazem parte do conjunto de textos que constitui o pensamento intelectual de um pesquisador radicado no Piauí, um dos Estados brasileiros que mais sofrem com o estigma do subdesenvolvimento. Se li e reli por várias vezes os textos que mais me provocavam um senso de orientação epistemológica, teórica e metodológica ou que me incitavam a desconfiar da legitimidade de certas lógicas e práticas dos meios de comunicação, não posso, por outro lado, deixar de admitir que em determinado período de minha formação intelectual *Para ler o Pato Donald: Comunicação de Massa e Colonialismo*, livro publicado originalmente em 1972, se tornou obra paradigmática que marcou profundamente a trajetória de muitos alunos de comunicação da Universidade Federal do Piauí que refletiam sobre seu lugar no mundo a partir do *topos* em que se encontravam.

O livro citado, que não é a obra inicial do autor e que foi escrito em parceria com o argentino Ariel Dorfman, já tinha quase quinze anos de lançamento quando chegou à academia no Piauí. Tal atraso se deveu à tardia criação, nos últimos anos da primeira metade da década de 80, dos cursos de Ciências Sociais e de Comunicação-Jornalismo, *a priori* os dois cursos da UFPI para os quais *Para Ler o Pato Donald* poderia ter alguma penetração. Mas aqui chegou – e fez barulho.

*Para Ler o Pato Donald* foi recebido pela intelectualidade piauiense num misto de estupefação e descrença: alguma coisa nova sobre os quadrinhos estava sendo revelada e dizia respeito à ideologia que as ‘inocentes estoriinhas’ continham. Estava acabada nossa inocência de leitor. Em outras palavras, nosso idílico modo de ler ficou abalado, pois a leitura do livro nos provocava a dar fim à fantasia pueril que via nos quadrinhos apenas um passatempo inofensivo. O que se

descortinava agora era um arranjo maquínico de hegemonização do discurso imperialista que desdobrar-se-ia, poucas décadas depois, no discurso apologético da planetarização e da conectividade. Muitos custaram a acreditar no que liam, por medo, vergonha ou comodidade, e talvez por conta disso o livro também tenha recebido muitas críticas. Entretanto, a rendição ao argumento apresentado pelos autores se deu na medida em que os intelectuais piauienses começaram a 'olhar para o próprio umbigo', como se diz em linguagem popular, e a perceber as ilações que tal argumento apresentava com o contexto histórico em que nos inseríamos.

Como aluno de graduação da UFPI entre 1989 e 1992, posso garantir que *Para Ler o Pato Donald* se tornou referência obrigatória das conversas mais empolgadas e das leituras de mundo daqueles que, neste cantinho esquecido do Brasil, se situavam na periferia da cultura àquela altura. Ainda não se falava em redes de informática, nem de globalização da cultura como se discute hoje. Para nós, 'o mundo' era a televisão, alguns jornais do sul do país e umas poucas idéias intelectuais que chegavam primeiro lá pelo Sul e depois subiam o continente até o extremo Norte do país. Importávamos cultura; consumíamos idéias fabricadas a distâncias consideráveis. Numa inversão da lógica descrita e desvelada por Mattelart e Dorfman, nós éramos 'o pato', para fazer alusão ao anedotário popular que, no Nordeste do Brasil, implica em consignar ao animal pato uma pecha de bicho doido, bobo ou alienado.

Quase tudo que aqui chegava, no nível das idéias e da cultura industrializada, era muito novo e insidioso, porque a criação do curso de jornalismo da UFPI, calcada no princípio da difusão tecnológica de regiões mais desenvolvidas para regiões mais pobres, traduzia a convicção de que éramos atrasados em relação ao Sul do Brasil, ao tempo em que revelava, confortavelmente, nossa posição privilegiada se considerado o restante do Estado do Piauí. Argumento ideológico, pressupunha a modernização como modelo de desenvolvimento a ser alcançado e, ao mesmo tempo, assumia a falta de uma produção cultural 'mais moderna e desenvolvida'. Imperialismo cultural e intelectual, de lá para cá, daqui para mais além, numa reprodução sem fim de um modelo tautológico. Foi assim que se procedeu à leitura de *Para Ler o Pato Donald*: éramos ao mesmo tempo colonizados (por outros Estados do Brasil, por outros países) e colonizadores (de outras cidades do Estado, das regiões interioranas).

Desta maneira, perceber as estratégias dos sistemas de mídia e a estrutura do poder das empresas multinacionais que controlavam o setor/mercado de comunicação e cultura naquele momento, através do

método da economia política, e ir além das práticas do denunciamento político, foi o que mais marcou, no contexto regional, a primeira fase de leitura da obra de Mattelart. Outras obras viriam, é claro, num contexto de recepção e leitura diverso, mas nem por isso deslocado do eixo epistemológico lançado em *Para Ler o Pato Donald*. Aliás, havia uma sugestão lançada naquele livro que deveria a rigor ser explorada mais adiante: era preciso estancar o processo, dar voz aos nossos autores, pensar a nossa realidade a partir daqui, sem bichos de outros mundos, com os nossos bichos, os nossos 'animais pensantes'.

Assim, na sequência, mais para o final dos anos 80, outro texto revelador foi apresentado à academia piauiense, com divulgação mais específica no curso de Jornalismo e desta feita em parceria com Michèle Mattelart. Com *Pensar as Mídias – comunicação e crítica social* (1986) e a reflexão epistêmica que o livro encerrava, nos demos conta de que a orquestração em nível mundial para suprimir as diferenças não operava apenas no nível da consciência individual –de leitor solitário– mas das relações, das interconexões, das redes, do sistema midiático. Na era das redes, do estabelecimento do consenso político, da criação de um sistema técnico global capaz de garantir a conectividade e a circulação de um ideal de mundo, a denúncia dos autores recaía na naturalização de um discurso sócio-técnico calcado numa utopia planetária (análise que vai, via método histórico, ser ampliada a posteriori no livro *História da Utopia Planetária - da cidade profética à sociedade global, de 2001*).

O título do livro (*Pensar as Mídias*) é por si só emblemático, pois implica que o pensamento crítico deve refletir primeiro sobre seu próprio lugar de origem ao analisar o horizonte midiático, para, em seguida, contemplar os sistemas de comunicação e suas relações com as formações sociais. Em outras palavras: pensar as mídias é pensar a práxis intelectual e ao mesmo tempo conceber a organização do social em seu estado mais concreto, ou seja, o cotidiano. Com o livro, os Mattelart acabaram com nosso sonho difusionista, de redenção do atraso via tecnologias de informação, porque as mídias eram também parte de um processo de hegemonização do pensamento e de dominação geopolítica. Ficamos perdidos, mas mais espertos e atentos, porque identificamos 'um outro' na nossa vida - e ele é a antípoda do selvagem bonzinho, como denunciado em *Para Ler o Pato Donald*.

Depois veio, também em co-autoria com Michèle, *História das Teorias da Comunicação* (1995), dando continuidade à proposta de pensar as teorias do campo científico a partir de uma condição concreta, histórico-social. Não por coincidência, o livro foi recebido no momento em que se processava a reformulação do

currículo do curso de Jornalismo da UFPI, com o abandono de uma proposta difusionista e a elaboração de um projeto que contemplasse as expectativas de formação de quadros profissionais por parte das empresas jornalísticas em consolidação e ascensão no contexto local. O novo projeto pedagógico constituía outra forma de difusionismo. Ideológico, também, porém não era um difusionismo somente de ordem técnica. Era um modo de ver o mundo associado também ao controle hegemônico dos padrões de produção do texto jornalístico, das linhas editoriais, enfim, do material publicado, pois as empresas de mídia seguiam uma roteirização em nível mundial.

O golpe final foi dado com *História da Utopia Planetária - da cidade profética à sociedade global*. cursando doutorado no Sul do país, afastado do contexto regional, mas ao mesmo tempo conectado a ele, em mim o livro surtiu um duplo efeito: eu estava lá (no Sul, conectado ao mundo, noutra mundo) e aqui (no Piauí, no Nordeste do Brasil, um local do mundo) e não conseguia separar o aqui e o lá. Talvez aí residisse o perigo de uma reorganização do pensamento geográfico: mais uma vez havia uma presença externa que nos ofuscava e da qual não podíamos nos livrar. Antes mesmo da leitura do livro, para mim, estava claro que um padrão de cultura comercializado em nível global não indicava a sua universalidade. Não há nada que indique que uma utopia planetária associada a uma cultura comum global concerne em direito à espécie humana. Mas havia uma trama técnica, uma estratégia discursiva – e histórica, frise-se -, um conjunto de sólidas operações orientadas a tornar legítima a ideia da sociedade global. Com riqueza de dados e com base no método histórico, Mattelart transformou essa hipótese num dado constatável.

Como se percebe, na vasta produção dos autores há opções epistemológicas, teóricas e metodológicas que se repetem e há momentos de tensionamento e rupturas com as análises anteriores, o que faz com que as obras possam ser vistas como parte de um percurso intelectual orientado também para sua autocrítica. A relação entre as obras é justificada pelo próprio Matterlart em entrevista:

Sigo pensando, quase 35 anos mais tarde, que muitas das análises que Ariel Dorfman e eu fizemos em nosso livro "Para Ler o Pato Donald", que foi produto dos anos de vida e resistência no Chile popular, não perderam nada de sua atualidade. Sigo considerando-o como um manifesto que incita à rebelião frente a um modo de vida global cuja ambição megalomaniaca segue hoje sendo a de desdobrar pelo planeta um sistema de valores

particulares como se fosse universal, o único possível para realizar a felicidade do gênero humano. Para se convencerem da permanência deste projeto imperial, eu aconselharia aos cépticos e descrentes a voltarem a ler o capítulo "Do selvagem bonzinho ao subdesenvolvido". O que estigmatizamos ali era nem mais nem menos a arrogância dos poderosos que pensam que a "redenção" viria do centro. Basta ver hoje como os discursos tecno-utópicos, que acompanham a expansão da internet e da televisão por satélite, reciclaram a velha ideologia "difusionista" segundo a qual a "inovação" ocorre de cima para baixo. O etnocentrismo está longe de ter desaparecido do mapa do planeta. A técnica oferece um campo ideal para ele encontrar um novo disfarce. (Mattelart, 2005)

Entretanto, não quero terminar esse texto fazendo uso das palavras do autor. Recorrer à sua fala para dar crédito a um argumento apresentado por mim denota o contrário do que foi pregado pelos autores ao longo de suas obras. A armadilha do discurso etnocêntrico denunciada pelos Mattelart se dá também quando nos tornamos devotos acrílicos daqueles que combatem o etnocentrismo com idéias ou com posições políticas.

De minha parte, vejo agora, depois de finalizado esse texto, com mais clareza ainda, quão presente se fez o pensamento dos Matterlart na minha formação de pesquisador. Eles descobriram para mim o meu lugar, a partir do momento em que povoaram de outros seres a minha existência – no nível da cultura, da mídia, da academia, do cotidiano, do mundo. Para afirmar isso, assumo a posição destacada logo no início desse artigo, a de um pesquisador do Piauí, Nordeste do Brasil, que está munido de um singular modo de olhar e analisar a obra e a repercussão do pensamento dos Mattelart a partir do seu próprio local-lugar-espaco-mundo de fala. 

## Bibliografia:

- Mattelart, Armand; Dorfman, Ariel. **Para ler o Pato Donald: comunicação de massa e colonialismo**, Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1977.
- Mattelart, Armand; Mattelart, Michèle. **Pensar as Mídias**. São Paulo: Loyola. 2004.
- \_\_\_\_\_. **História das Teorias da Comunicação**. São Paulo: Loyola. 1999.
- Mattelart, Armand. **História da utopia planetária: da cidade profética à sociedade global**. Porto Alegre: Sulina. 2002 (a).
- \_\_\_\_\_. **A imagem internacional dos Estados Unidos deteriorou-se consideravelmente** (entrevista). In: *Jornal Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Ano 6, N. 267 - São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil-fevereiro de 2005.